

OPINIÃO



Economia Real

Luís Todo Bom

PATRÕES E EMPRESÁRIOS

Nas sociedades modernas ocidentais atuais, em que o nosso país se integra, não existem patrões.

Existem empresas — unidades produtoras de riqueza (a ser, posteriormente, distribuída, para assegurar a coesão social), criadas por empreendedores, detentores do capital inicial, que, por esta via, se tornam empresários.

Estas empresas são administradas por gestores profissionais que maximizam a sua performance e operadas por colaboradores com diferentes graus de conhecimento e competências.

Todos estes elementos contribuem, no âmbito da Teoria dos Recursos, em que os recursos mais valiosos de uma empresa são o conhecimento e as competências específicas, para a competitividade da empresa e para a sua afirmação no mercado global.

Nestas empresas do século XXI, todos — empresários, gestores e colaboradores — são trabalhadores da empresa e contribuem, no âmbito das suas atribuições, com competências e responsabilidades, para o seu bom funcionamento, perenidade, rentabilidade e responsabilidade social.

Aliás, de acordo com as teorias modernas de gestão comportamental, o sucesso das empresas, em ambiente competitivo, só é possível num ambiente de inter-relação permanente e construtivo entre todos estes elementos.

Assim sendo, por que razão os partidos de extrema esquerda que apoiam o governo continuam a apelidar os empresários portugueses de patrões e a fomentar uma permanente e agressiva dicotomia com os trabalhadores das suas empresas?

Não sendo por desconhecimento (os mais agressivos estudaram nas boas escolas de economia e gestão), qual a razão para a insistência nesta classificação ultrapassada e retrógrada do início do século XX?

E por que razão exultam com as *startups* e diabolizam as empresas estruturadas? (Dificultando a evolução da nossa matriz empresarial suportada, ainda, em excesso, em sectores tradicionais com reduzida capacidade exportadora). Os primeiros são empreendedores e os segundos patrões? (a incongruência cansa!)

Estes partidos entendem que o termo patrão é suficientemente insultuoso para alimentar os conflitos artificiais com os trabalhadores, que dizem defender, e que, por essa via, mantém intacta a sua base eleitoral.

E, para atingirem este resultado, não se preocupam com a destruição de valor que esta conflitualidade provoca nas empresas, não só nas repercussões económico-financeiras imediatas, como nas consequências da degradação do seu ambiente interno.

As Confederações Empresariais (de empresários) que aceitam que as continuem a apelidar de Confederações Patronais, também não ajudam.

Gestor de empresas